

## AS PERSONAGENS FEMININAS DE MEMORIAL DE MARIA MOURA, DE RACHEL DE QUEIROZ

Lídia Alcantara (UPM)

Luiza Atik (UPM)

**RESUMO:** O presente estudo visa abordar as três personagens femininas que tiveram grande destaque no romance de 1992 de Rachel de Queiroz, intitulado *Memorial de Maria Moura*, e na sua adaptação na forma de minissérie televisiva. Essas personagens são: a protagonista Maria Moura, e as personagens secundárias Firma e Marialva. O foco deste trabalho está em como as personagens são representadas no romance, e como são passadas para a minissérie homônima, de Jorge Furtado e Carlos Gerbase, que foi ao ar pela primeira vez na Rede Globo em 1994. Procuraremos analisar suas principais características, a forma como agem e como falam, como se vestem, tanto no romance como na minissérie, mas daremos ênfase, principalmente, para a adaptação televisiva. Analisaremos, também, quais tiveram menos ou mais destaque na minissérie e o porquê dessa mudança. Para a realização deste artigo utilizaremos os trabalhos de alguns teóricos que estudaram adaptação, como Linda Hutcheon, Randal Johnson e Ana Balogh.

**PALAVRAS-CHAVE:** Memorial de Maria Moura; adaptação; personagens femininas.

### INTRODUÇÃO

Se as imagens sempre estiveram presentes na vida do homem de alguma forma, seja por meio de pinturas, gravuras, ilustrações, fotografias etc., hoje isso é algo muito mais palpável (HUTCHEON, 2013). Com o advento da tecnologia, do cinema, da televisão, da internet, dos quadrinhos, dentre outros, hoje se tem um mundo que pode ser considerado visual. Um mundo em que as imagens são buscadas, muitas vezes, antes do texto escrito, ou que servem como principal suporte para a transmissão de uma mensagem. Os quadrinhos são exemplo disso. Temos, nesse tipo de linguagem, uma vasta gama de imagens acompanhada por diálogos ou narrações curtas, que confirmam ou complementam a imagem visual, que parece ser sempre preponderante. Os filmes também são exemplo disso, e a prova está nos efeitos visuais cada vez mais aperfeiçoados e realistas, ou no figurino e maquiagem impecável dos atores, ou ainda nos cenários cada vez mais complexos. As telenovelas e minisséries, cada vez mais presentes na grade de programação das emissoras, também nos mostram isso.

A teleficção seriada cada vez mais ganha espaço na cultura brasileira, especialmente as baseadas em obras da literatura. E é justamente isso que este trabalho se propõe a estudar: uma minissérie adaptada de uma obra literária. Levando em conta que *Memorial de Maria Moura*, romance de autoria de Rachel de Queiroz e adaptado na forma de minissérie por Jorge Furtado e Carlos Gerbase, traz marcadamente personagens femininas em sua trama, buscamos estudar como essas personagens se configuraram no livro e, principalmente, como foram passadas para a sua adaptação televisiva.

Para tanto, o trabalho será dividido em duas partes: a primeira, em que falaremos um pouco sobre a teoria da adaptação; e a segunda, em que falaremos das personagens de *Memorial de Maria Moura* em si. Para a realização deste trabalho, utilizamos os estudos de autores como Linda Hutcheon, Ana Balogh e Randal Johnson.

## 1. ADAPTAÇÃO: DO LIVRO ÀS TELAS

Hoje, observamos adaptações de todas as formas, em todos os lugares: um livro pode ser adaptado na forma de filme, série ou minissérie, ou mesmo vídeo game; filmes que fazem sucesso são, comumente, transformados em livros, peças teatrais etc. Adaptar é prática comum, mas nos enganamos se acharmos que é recente. Mas, o que é adaptar? Linda Hutcheon nos traz uma definição, dizendo que

adaptação é um tipo de palimpsesto extensivo, e com frequência, ao mesmo tempo, uma transcodificação para um diferente conjunto de convenções. Em alguns momentos, mas nem sempre, essa transcodificação implica uma mudança de mídia (HUTCHEON, 2013, p. 61).

Levando em conta que palimpsesto é um papiro ou pergaminho em que o texto original, primitivo foi raspado para dar lugar a um novo, as adaptações seriam uma comparação a isso: um texto original que é, de alguma forma, modificado, dando lugar a outro – mas não substituindo-o.

A adaptação é, na verdade, um processo de recriação (ou de criação), reinterpretção (ou interpretação). Seu resultado depende do trabalho, da interpretação, da sensibilidade e das escolhas da equipe de produção e criação de uma minissérie, filme, série. E, na verdade, o que se busca ao se adaptar não é uma tradução fiel da obra de origem, mas sim, equivalências, seja na trama, nos personagens etc. (HUTCHEON, 2013). Afinal, não estamos falando de uma simples tradução, mas de uma recodificação, de uma transmutação de uma mídia a outra, duas mídias diferentes, que trazem recursos distintos e modos de produção distintos. Como afirmou Randal Jhonson:

A insistência na “fidelidade” – que deriva das expectativas que os espectador traz ao filme, baseadas na sua própria leitura do original – é um falso problema porque ignora diferenças essenciais entre os dois meios, e porque geralmente ignora a dinâmica dos campos de produção cultural nos quais os dois meios estão inseridos. Enquanto um romancista tem à sua disposição a linguagem verbal com toda sua riqueza metafórica e figurativa, um cineasta lida com pelo menos cinco materiais de expressão diferentes: imagens visuais, a linguagem verbal oral [...], sons não verbais [...], música e a própria língua escrita [...]. (JOHNSON, 2003, p. 42).

Levando isso em conta, o fato é que a adaptação de obras da literatura para a televisão é prática comum, “seja pelo prestígio com o público obtido por determinados autores e determinadas obras, seja pela segurança que advém da adaptação de obras consagradas” (AGUIAR, 2003, p. 119). Mas, sendo a literatura uma arte subjetiva, a qual cada leitor tem suas próprias impressões e interpretações, nas adaptações o cineasta também levará em conta diversos fatores, deixando marcada a sua interpretação e/ou a visão da sociedade da época.

No que diz respeito às minisséries, este é um gênero que, no Brasil, muito recorre às adaptações com originais na literatura:

Dentro da tradição das minisséries brasileiras, que é posterior a das novelas, mas também está bem sedimentada, a adaptação tem sido uma das estratégias mais frequentes. Adaptam-se autores muito prestigiados ou muito populares, ou ambos simultaneamente, como é o caso de Jorge Amado (BALOGH, 2002, p. 130).

*Memorial de Maria Moura* se encaixa nessa categoria de minisséries que tem sua origem em uma obra da literatura. Foi o último romance da consagrada Rachel de Queiroz, publicado em 1992, quando a escritora tinha oitenta e dois anos. Considerado uma narrativa longa, que varia em torno de 450 e 650 páginas, dependendo da edição, o romance foi publicado pela primeira vez pela Editora Siciliano (São Paulo), com 482 páginas. Foi sucesso de público e críticas, ganhando inclusive uma tradução para o francês, em 1995, por Cécile Tricoire, da Éditions Métailie, bem como os prêmios “Camões” e “Juca Pato”, como destacamos anteriormente. O romance teve várias edições, que foram publicadas por diversas editoras, e até hoje é buscado por leitores em livrarias e sebos.

Já a minissérie homônima, transmitida pela primeira vez pela Rede Globo em 1994, teve autoria de Jorge Furtado e Carlos Gerbase, com a colaboração de Renato Campão e Glênio Póvoas. Contou com a direção de Denise Saraceni, Mauro Mendonça Filho, Marcelo de Barreto e Roberto Farias, e direção artística de Carlos Manga. Foi exibida no horário das 22:30, entre os dias 17 de maio e 17 de junho de 1994, totalizando vinte e quatro capítulos de aproximadamente cinquenta minutos.

*Memorial de Maria Moura* foi um sucesso, recordista de audiência na Rede Globo, e também responsável por dobrar a venda do romance de Rachel de Queiroz na época em questão. A minissérie foi reapresentada no período de 28 de julho a de 21 de agosto de 1998, mas não na íntegra. Em 2004, foi lançada em DVD e em 2010, no período de 28 de julho a 23 de agosto, foi reapresentada novamente, dessa vez na íntegra, pelo canal Viva, afiliado da Rede Globo pela TV a cabo. Além disso, teve exibição em outros países, dentre eles Angola, Canadá, Portugal, Uruguai, Venezuela e República Dominicana.

Vejamos a seguir, como *Maria Moura*, *Marialva* e *Firma* são representadas nessas obras.

## **2. MARIA MOURA, MARIALVA E FIRMA**

As três personagens femininas do romance de Rachel de Queiroz tem, cada uma, sua importância na trama. *Maria Moura* é a protagonista, a menina do Limoeiro que

passa a ser chefe de seu bando armado, saqueadora e destemida. Marialva representa a menina sonhadora, que primeiro vive sob as constantes ameaças e maus tratos de seus irmãos e cunhada, mas consegue fugir. Firma, por outro lado, retrata a mulher dominadora, a vilã, que manda no marido e cunhado, e a verdadeira antagonista da minissérie. Vejamos, a seguir, mais detalhadamente, cada uma delas.

## 2.1 MARIA MOURA

Maria Moura, como já dissemos anteriormente, é a protagonista, e também narradora de grande parte dos capítulos (trata-se de um romance que possui várias vozes, cada capítulo traz a voz de um dos personagens). Tanto no livro como na minissérie, a personagem é retratada como uma mulher forte, que lidera seu próprio bando de saqueadores, é a chefe deles. Mas, em ambos, ela não inicia assim. No início da trama, era a menina que morava com a mãe no Limoeiro, era a sinhazinha. Na minissérie, nessa primeira época, é interessante notar que a protagonista usa vestidos, saias e tranças nos cabelos, o que indica feminilidade, talvez inocência. Ao andar a cavalo, inicialmente monta com as pernas fechadas, colocadas ao lado do corpo, como uma “moça de família”. Depois dessa primeira parte, Maria Moura cresce e passa a ser retratada de maneira diferente.

Após fugir e incendiar sua casa no Limoeiro, a protagonista, tanto no romance como na série, junta homens de confiança, os quais fogem com ela. No livro, para mostrar que ela não era mais a sinhazinha, mas sim, a chefe deles, Maria Moura corta seus cabelos, entregando-os a João Rufo, dizendo: “- Guarde esse cabelo no alforje [...] Agora se acabou a sinhazinha do Limoeiro. Quem está aqui é a Maria Moura, chefe de vocês, herdeira de uma data na sesmaria da Fidalga Brites, na Serra dos Padres” (QUEIROZ, 1992, p. 84).

Na minissérie, ela não corta os cabelos, mas enrola-os em um pano, escondendo-os completamente (o cabelo longo seria um símbolo de sua feminilidade e, talvez, conseqüentemente, de sua fragilidade). É interessante notar que o pano o qual Maria Moura utilizou para esconder os cabelos era cor de rosa, que é a cor talvez mais feminina. Isso mostra que, apesar de ela ser a figura de poder, de comando, e não querer

ser discriminada por seu sexo, ela continua sendo uma mulher, não seria possível fugir disso.

Além disso, na minissérie, logo quando foge de sua casa no Limoeiro, é possível ver a diferença nas roupas utilizadas pela protagonista. A menina que antes usava vestidos e saias, agora calça botas, veste calça e um colete masculino. Ao subir em seu cavalo, monta como os homens, com uma perna de cada lado da sela, reforçando que ela era figura forte, de autoridade e comando ali.

Mais adiante na trama, tanto na televisão como no livro, Maria Moura se envolve com Cirino, e se apaixona por ele. Na minissérie, a partir do momento em que se apaixona, passa a usar seus cabelos soltos, tirando-os de dentro do pano. Além disso, dorme com camisolas brancas. Isso mostra o quanto a protagonista deixou seu lado mulher aflorar, entregou-se. E, a partir de então, ela não era mais apenas a chefe do bando, mas sim, a mulher apaixonada por Cirino. No livro, isso é visto nas seguintes falas da personagem, em que conseguimos ver que ela inclusive, pensa em entregar tudo seu a Cirino: “Eu [Maria Moura] chegava a pensar às vezes em entregar o que era meu a ele [Cirino] – a casa, a fazenda, os homens, o comando de tudo, ficar sendo só a mulher dele [...]” (QUEIROZ, 1992, p. 394)

Se o final do romance escrito traz a protagonista planejando um grande saque, ao final da minissérie, por outro lado, o final é mais trágico. Na televisão, Maria Moura enfrenta, sozinha, montada em seu cavalo, a tropa imperial. Ainda de cabelos soltos (ela não os prende mais, desde que se envolveu com Cirino), ela pega o lenço que pertencia ao amado, ergue-o e vai a caminho do que seria provavelmente sua morte, visto que a tropa começa a atirar, e ela não tinha como se defender. Esse final indica, provavelmente, que ela nunca perdeu sua coragem, sua força, mas nunca deixou de amar Cirino. Por ele, ela se entregou.

## 2.2 MARIALVA

Marialva, assim como Maria Moura, também é um dos narradores do romance. Tanto no livro como na minissérie, Marialva vivia, inicialmente, presa em casa pelos

irmãos e pela cunhada, Firma. Sob constantes ameaças deles, a moça acreditava que nunca iria sair de tal situação. Até que surge Valentim, um saltimbanco com quem ela foge e se casa.

Na teleficção seriada, ela sempre usa vestidos e o cabelo preso em um coque alto. O coque talvez represente a situação da moça que, assim como seus cabelos, vivia presa. Enquanto vivia com seus irmãos e Firma, suas roupas eram escuras, o que pode representar a tristeza e opressão sob a qual a moça vivia. Quando foge com Valentim, suas roupas passam a ser mais claras e coloridas, até mesmo porque ela passa a fazer apresentações circenses com ele, o que requeria roupas de cores mais alegres.

Após um tempo, Marialva dá à luz, no livro, a um menino, Alexandre (o qual todos chamavam de Xandó). Na televisão, a criança era do sexo feminino e, como uma forma de homenagear a escritora do romance, a bebê fora nomeada de Rachel.

Marialva representa, na trama, a mulher romântica, que almeja um amor romântico, um casamento, uma família. É a mulher que deixa tudo para trás e foge com o homem o qual julga ser seu grande amor, e passa a viver uma vida nômade, sem residência fixa, já que ele se apresentava com a família, fazendo números circenses. Ela passa a viver a vida do marido e em função dele. É a personagem que arrisca sua própria vida para servir de alvo para seu marido nas apresentações, o qual se torna um atirador de facas. Talvez seja por isso que os cabelos da moça, na teleficção seriada, permaneçam presos em um coque durante toda a trama, mesmo após fugir dos irmãos. Talvez isso ocorra porque, mesmo tendo se libertado da tirania de sua casa, permanece de certa forma presa, mas agora a seu esposo.

O fato é que Marialva, com tudo isso, representa a voz feminina sonhadora, a qual sua grande aspiração é encontrar o grande amor que a salvará, e que a leve para um “felizes para sempre”.

### **2.3 FIRMA**

A personagem Firma, tanto no livro como na televisão, é cunhada de Marialva e esposa de Tonho, este último primo da protagonista Maria Moura. No romance escrito, apesar de marcante, a personagem não possui muito destaque. Não é narradora, e

aparece em poucos capítulos, apenas como personagem secundária, logo desaparecendo na trama. Apesar disso, é descrita como uma mulher feia, controladora, má, que mantém a cunhada presa, autoritária, que manda em seu marido e cunhado. Almeja a casa e o terreno de Maria Moura no Limoeiro, e incentiva seu marido a planejar um ataque ao local e seus moradores.

Na minissérie, Firma continua tendo todas essas características, porém, ganha um destaque muito maior. Ela se torna a grande antagonista da trama, articulando planos para pegar Maria Moura. Ela toma a frente da vingança contra a protagonista, e nos momentos de batalha, arma-se e luta, perdendo, inclusive, sua perna em um desses combates. Ela se torna parte integrante da narrativa, desde o início até o último capítulo.

No que tange suas vestimentas, na minissérie usa apenas vestidos de cor escura, o que pode representar sua vilania e crueldade. Além disso, possui um pequeno bigode, que certamente foi colocado com o intuito de tornar a atriz que a interpreta (nesse caso, Zezé Polessa) mais feia, mas talvez seja também para mostrar que ela agia como a figura de autoridade da casa, como se fosse ela, na verdade, o marido, a figura masculina.

Firma, ao contrário de Maria Moura e Marialva, é a vilã, a qual faz tudo em benefício próprio e não mede esforços para alcançar seus objetivos. É ela quem toma as rédeas da vingança do marido e cunhado, e sai de casa em busca de recursos para tornar possível a captura da protagonista. É, assim como Maria Moura, a figura da mulher forte, autoritária, decidida, mas ao contrário da protagonista, é maquiavélica e manipuladora.

Talvez ela tenha ganhado tanto destaque na minissérie para que, na adaptação do romance de Rachel de Queiroz, a antagonista fosse, como a protagonista, do sexo feminino, o que mostraria a oposição entre duas mulheres fortes. Ou até mesmo porque os adaptadores tenham achado que Firma seria uma personagem interessante e que merecesse ser explorada na minissérie. O fato é que a personagem ganhou grande destaque na teleficção, e acabou ganhando a aceitação do público, mostrando que a adaptação se trata, de fato, de um trabalho de recriação.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS



As personagens escolhidas para a realização deste trabalho representam, cada uma de forma diferente, a figura feminina na narrativa, e são representadas de formas individuais tanto no romance de papel como na trama televisiva. As modificações feitas nas personagens, ao serem passadas para a adaptação do romance, certamente não aconteceram por acaso ou de forma aleatória, e confirmam o fato de que, como vimos no início deste trabalho, a fidelidade da adaptação à sua obra original não é um fator a ser tomado como indicador de qualidade. E, afinal, a adaptação nada mais é que uma reinterpretação (HUTCHEON, 2013).

Tanto em sua teleficção seriada quanto no romance escrito, *Memorial de Maria Moura* traz marcadamente a representação das mulheres em sua trama. E, ainda que essas personagens sejam distintas umas das outras, tendo cada uma delas suas particularidades, aparecem sempre como mulheres ativas, decididas e fortes, que enfrentam com brio as dificuldades e os percalços que apareçam. Mesmo Marialva, que aparentemente é a mulher mais submissa da trama, consegue ter coragem para fugir dos irmãos e da cunhada. São personagens que mostram o papel da mulher hoje, como ela pode ser vista: uma figura forte e decidida, que traça seu próprio caminho.

## REFERÊNCIAS

BALOGH, Ana Maria. **O discurso ficcional na TV**. São Paulo: EDUSP, 2002.

HUTCHEON, Linda. **Uma teoria da adaptação**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2013.

PELLEGRINI, T.; JOHNSON, R.; XAVIER, I.; GUIMARÃES, H.; AGUIAR, F. **Literatura, cinema e Televisão**. São Paulo: Editora Senac São Paulo – Instituto Itaú Cultural, 2003

QUEIROZ, Rachel. **Memorial de Maria Moura**. São Paulo: Siciliano, 2002.